

MÃE ROSANE D'ANSÃ: UMBANDA, CANDOMBLÉ E LUTA CONTRA A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Rosane Peres Alves Marega*
Ricardo Sinigaglia Arruda**

Introdução

Conversar com Mãe Rosane Peres Marega Alves, mais conhecida como Mãe Rosane D'Ansã, é navegar pelas histórias da Umbanda e do Candomblé entre os séculos XX e XXI e pelas suas lutas contra o racismo e o preconceito religioso, já que se trata de uma sacerdotisa que sempre combateu a intolerância para promover aquilo que ela chama de cultura de paz. Dessa maneira, ela apenas deseja que os praticantes das religiões de matrizes afro-indígenas possam cultuar seus Orixás, *Nkisses*, entidades e encantados em paz, sem o medo da violência que espreita a todos aqueles que praticam religiosidades que são diferentes daquelas trazidas pelos colonizadores europeus. Pode-se afirmar que Mãe Rosane D'Ansã não apenas pratica o encantamento como traz uma visão de mundo que faz parte desta cultura de matriz afro-indígena, pois como explica Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino (2020):

De caráter cosmopolita o encantamento não exclui o outro como presença possível de trançar diálogo. Por primar pela coexistência, pela alteridade e por entender que a vida é radical ecológico, a lógica do encante não exclui experiências ocidentais como contribuições para a potencialização da vivacidade. Porém, pouco mais de cinco séculos indicam como as produções vindas do outro lado do Atlântico têm se assegurado nas contratualidades raciais, hétero-patriarcais, teológicos-políticas e antropocenas. Mesmo as tradições discursivas que se reivindicam progressistas são ainda fixas em pressupostos ocidentalizantes e não disponíveis ao transe e não tem respondido de forma responsável à diversidade do mundo.

Assim, Mãe Rosane D'Ansã prima por dar conhecimento ao que é específico de suas práticas religiosas sem recorrer aos termos do colonizador europeu e cristão, ao mesmo tempo em que mostra que é possível empreender a luta pelo respeito às religiões de matrizes afro-indígenas sem que estas necessitem sufocar outras expressões; ao contrário, em sua cosmovisão, é viável conviver e aprender com o outro a como melhorar a vida. Trata-se de uma Mãe de Santo com casa de Umbanda, porém com amplo conhecimento de Candomblé, uma vez que foi iniciada há mais de 50 anos para Orixá por Mãe Coranga, que era filha do famoso Babalorixá João Alves de Torres Filho, o Joãozinho da Goméia, um dos mais importantes nomes do Candomblé e das religiões de matriz africana brasileiras, que compreendia tanto sobre as tradições angolanas e de Ketu.

* Mãe de Santo do Centro Cultural Mãe Ansã e Caboclo Pena Branca, localizado no bairro da Mooca, na cidade de São Paulo (SP). O local conta com uma média de 40 filhas e filhos de santo, que têm diferentes funções entre cambones e médiuns. Além disso, ela é filha do Ilê Aleketu Asé Ayrá, mais conhecido por Asé Batistini, um tradicional *Ilê* de Candomblé localizado em São Bernardo do Campo (SP).

** Doutorando em História e Cultura Social pela Universidade Estadual Paulista, *campus* de Franca, e Bolsista Capes.

Na ocasião de sua iniciação, Mãe Rosane D'Iansã tinha 14 anos e, em tempos de Ditadura Empresarial-Militar no Brasil (1964-1985), o Candomblé não só era malvisto como perseguido. Logo os ritos de sua feitura aconteceram às portas fechadas. Segundo o que contou Mãe Rosane D'Iansã, Mãe Coranga realizava giras de Umbanda às portas abertas para manter seus cultos e para enganar as forças repressoras e racistas do Estado. Como contam alguns estudiosos, tais como Luiz Antônio Simas (2021) e Hulda Silva Cedro da Costa (2013), houve tentativas de apagamento da ancestralidade africana e indígena nos cultos de Umbanda quando Zélio Fernandino de Moraes se colocou como o criador desta religião. Devido a isso, popularizou-se uma certa aproximação entre a expressão umbanda e o kardecismo, o que permitiu uma maior aceitação dos cultos umbandistas na sociedade, ainda que pais ou mães de santo não necessariamente adotassem a doutrina elaborada por Kardec e até rejeitassem essa união que tinha por objetivo o apagamento das práticas de povos que eram vistos como inferiores pelo pensamento europeu em terras que um dia foram chamadas de Pindorama (Silva, 2005). Assim, Mãe Rosane D'Iansã aprendeu com sua Iyalorixá aspectos dos dois cultos.

Com a morte de Mãe Coranga, no início da década de 1980, Mãe Rosane D'Iansã se afastou do Ilê.¹ de Candomblé onde foi realizada sua iniciação. Nesse tempo, se tornou Mãe Pequena no terreiro de Umbanda de Mãe Vera de Iansã e filha da Iyalorixá Angélica de Oyá e neta do Babalorixá Lídio de Oxaguian, do Ilê Asé Baba Omi Guian, da Ilha de Itaparica, na Bahia. Com o afastamento da Casa de Mãe Vera e o falecimento de Pai Lídio de Oxaguian, se tornou filha do Ilê Aleketu Asé Airá, mais conhecido como Asé Batistini, por volta dos anos 2010. Este Ilê localiza-se em São Bernardo do Campo, é liderado pela Iyalorixá Heloísa Moreira e foi fundado pelo Babalorixá Pércio Geraldo da Silva, mais conhecido como Tatá Pércio de Xangô, iniciado pelo Babalorixá Manuel Cerqueira do Amorim, chamado pelo nome de Pai Nézinho da Muritiba, do Axé Ibecê Alaketu Ogum Megegê ou Terreiro do Portão. Ressalta-se que as obrigações de sete anos do Babalorixá Pércio de Xangô foram dadas à Mãe Menininha do Gantois, uma das personagens mais conhecidas do Candomblé e da religiosidade brasileira.

Dessa maneira, Mãe Rosane D'Iansã carrega consigo histórias e conhecimentos profundos acerca do Candomblé e da Umbanda e permite àqueles que a escutam entender as diferenças entre essas duas manifestações religiosas de origens afro-indígenas, uma vez que os Orixás e as entidades podem existir nos dois cultos, ainda que as relações dos adeptos com esses elementos de fé sejam diferentes. Para aqueles que desconhecem sobre as práticas das religiões de matriz afro-indígenas, o texto que se seguirá proporciona o esta-

1. Termo utilizado para referir-se à terreiros de Candomblé.

belecimento das fronteiras entre o que é Orixá Èsù² e Entidade Exú, desmistificar o que é Pomba-Gira e o que é Caboclo e compreender o que significa imolação animal dentro dos ritos de matriz africana e qual seria o posicionamento da Umbanda em relação a esse fenômeno.

Soma-se a esse conhecimento, o fato de que Mãe Rosane é Doutora *honoris causa* em Religiões de Matriz Africana, vice-presidente das Águas de São Paulo, lei e movimento sociopolítico contra a intolerância religiosa, Presidente de Honra do Fórum de Sacerdotes de Matrizes Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo (FOESP) e lutadora conhecida e incessante contra o preconceito religioso, principalmente contra os que atingem as religiões de matriz afro-indígenas.

Por fim, a conversa relatada abaixo, busca dar voz a quem briga por espaços e pôde adentrar aos palácios políticos de Brasília nos períodos dos governos de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Vana Rousseff (2011-2016). Assistiu as portas desses mesmos espaços de poder se fecharem sob o governo de Jair Messias Bolsonaro (2018-2022) e viu o crescente ganho de força da Bancada Evangélica, que fez a intolerância religiosa ganhar força, devido às constantes associações das religiões de matriz afro-indígena com o Diabo cristão, um elemento religioso inexistente nas culturas candomblecistas e umbandistas (Simas, 2021). Todavia, durante o diálogo, a sacerdotisa mostrou que há esperanças no combate ao preconceito com a subida à rampa do Planalto num terceiro mandato de Luís Inácio Lula da Silva, a quem havia lhe aberto as portas no início deste século.

A conversa, colocada em tópicos para melhor compreensão do leitor, buscou compreender, de modo mais assertivo, as práticas das religiões de matriz afro-indígena, como a Umbanda e o Candomblé. Ademais, o encontro tem como intuito dar voz a uma mulher que em sua vida lutou contra o preconceito religioso e buscou, incessantemente, o entendimento de seu fazer.

Como se torna Mãe ou Pai de Santo nas religiões de matriz africana

Nas religiões de matriz africana não se escolhe se vai se tornar Pai ou Mãe de Santo, uma vez que ter este cargo está no caminho da pessoa desde o seu nascimento. Os chefes das Casas onde o indivíduo trabalha e se inicia é quem verifica se aquela pessoa tem caminho para seguir em determinada função. No caso do Candomblé, as averiguações ocorrem por meio do jogo de búzios, pois é nele que se vê se a pessoa tem ou não caminho para ser Babalorixá ou Iyalorixá. Nesta religião, há momentos em que os iniciados dão obrigações aos Orixás que ocorrem em intervalos de tempo específicos, assim, quando ocorre a de sete anos, aquele que possui essa possibilidade recebe apetrechos específicos referentes à função, como os búzios, navalha etc.

Em relação à Umbanda, há casas que fazem camarinha, um

2. Durante a escrita do texto, Èsù fará referência ao Orixá, enquanto Exú fará referência às entidades. A diferença entre os dois conceitos foi explicada durante o texto de Mãe Rosane.

ritual iniciático no qual pode ser visto se uma pessoa pode ou não ser Pai ou Mãe de Santo e há Casas de Axé onde o chefe do terreiro observa a conduta do filho ou da filha e consegue perceber se há ou não esse caminho na vida daquele indivíduo. Todavia é importantíssimo salientar que nas religiões de matriz africana todos são importantes dentro das suas posições, pois cada um exerce algo que contribui à sua comunidade e ao Axé, uma vez que todas as pessoas são percebidas enquanto seres humanos. Dessa maneira, não basta apenas fazer cursos de três ou quatro meses para exercer a posição de Pai ou Mãe de Santo ou simplesmente abrir uma casa sem autorização, é preciso que isso esteja no caminho da pessoa.

Diferenças entre Umbanda e Candomblé

Umbanda e Candomblé são religiões irmãs e de matriz africana, porém com ritualísticas completamente diferentes, o que impossibilita misturas, uma vez que há diferenças profundas nos trabalhos que são realizados nesses cultos. Assim como não há viabilidade para que se misture Umbanda com kardecismo, pois tratam-se não só de liturgias diferentes, como visões de mundo que entram em conflito. Nas religiões de matriz congo-angolana, de onde vem a Umbanda, por exemplo, não há pecados ou carmas, ninguém veio ao mundo para o sofrimento, mas para ser feliz. Toda a magia e feitiço praticados na Umbanda servem para que a pessoa se torne mais feliz e tome decisões mais equilibradas e não para livrá-las de algo que se assemelhe a punições.

No Candomblé é feito uma série de rituais iniciáticos para que seus adeptos externalizem os Orixás, que são forças da natureza deificadas. Na Umbanda, os filhos de pomba³ incorporam os *eguns*⁴ que vem em terra aconselhar, amparar e prestar auxílio aos que precisam. Um iniciado no Candomblé pode manifestar uma entidade, como acontece em alguns Ilês quando há festa para Orixá *Êsù*, mas isso diz respeito à maneira do culto candomblecista; na Umbanda, um praticante pode oferecer *Êsù* com um padê, a oferenda tradicional feita para este Orixá, porém não o irá externalizar por não ser um iniciado. Apesar de se tocarem em determinados momentos, são cultos com ritualísticas diferentes e que exigem saberes distintos.

Orixás são forças da natureza e as pessoas podem cultuá-los com oferendas, desde que saibam como fazer e que tenham orientação para isso, pois há frutas e flores específicas para cada um. Assim como é possível que as pessoas cultuem seus protetores ancestrais, a quem chamamos de entidades, contanto que também possuam a correta instrução para tal. É importante salientar que no Candomblé de Ketu puro, não se cultua as entidades, chamados de catiços nestes espaços, pelos adeptos dessa

3. Decidiu-se por manter o vocabulário mais próximo às matrizes africanas e, por isso, não se utilizou a expressão médium, própria do kardecismo.

4. Na cultura africana, *egun* significa tudo aquilo que teve vida e morreu.

religião. Todavia, no Brasil, a maioria dos Pais e Mães de Santo do Candomblé vieram da Umbanda e, então, eles carregam as entidades com as quais eles trabalharam. Logo, continuam a cultivar indígenas, exus, pomba-giras, pretos-velhos, marinheiros etc. Por não existir uma doutrina unificada, cada casa de Candomblé ou de Umbanda dará a correta instrução para que seus filhos e filhas lidem com o sagrado.

É importante também ressaltar que os praticantes das religiões de matriz africana conheçam a cosmologia dessas religiões, quem é *Èsù*, *Oxóssi*, *Oxum*, *Oxalá*, *Iansã*, *Ibeji* etc. e compreendam o que são as entidades que se manifestam na Umbanda, uma vez que nossa cultura se dá pela oralidade e se faz necessário explicar para as pessoas que querem ter este conhecimento como essas religiões funcionam.

O jogo de búzios

O jogo de búzios é um oráculo e quem pode jogá-lo é somente quem tem autorização, ou seja, aquele indivíduo que ganhou a mão para o jogo do Babalorixá ou da Iyalorixá. Em nossos saberes, os caminhos que estão traçados para o indivíduo podem ser mudados e o jogo funciona como um oráculo para que a pessoa possa buscar conhecimento sobre si e sua vida e possa tomar decisões em busca da felicidade. É importantíssimo entender que não é apenas uma mera adivinhação, como se o futuro já estivesse escrito, porém é a possibilidade daquele que procura esse aconselhamento de transformar e reorientar sua vida para que melhores caminhos se abram.

Na Umbanda, a função oracular está com as entidades, então são elas que dão os conselhos necessários para que os indivíduos possam mudar seu modo de agir ou tirar algum tipo de problema de sua frente. É importante dizer que a vida não está simplesmente escrita e irá acontecer de modo que a pessoa não tenha responsabilidade sobre suas ações, já que, diferente desta perspectiva, o caminho é construído pelo indivíduo e as entidades aconselharão no caminho a seguir, sem se decidir por aquele a quem está buscando auxílio.

Imolação dos animais

Os candomblecistas ofertam aos Orixás os animais mais bonitos, saudáveis e melhor cuidados às divindades. Aqueles que serão oferecidos recebem cuidado e zelo especial para a cerimônia: são alimentados com ervas específicas e rezados. Como todo o ser vivo pertence a *Olodumarê*, sinônimo daquilo que o ocidente entende como Deus, pede-se permissão para que ocorra a imolação. Para quem assiste a este rito, chamado de *Orô*, percebe que o animal não sente dor quando a sua vida é retirada. Entrega-se o sangue do animal e outras partes não comestíveis aos Orixás, enquanto a comunidade limpa, tempera, cozinha e se alimenta daquilo que o ser humano pode aproveitar, já que nas culturas afri-

canas, todos que fazem parte daquele círculo devem estar saciados, pois a ausência de fome é um dos princípios da felicidade.

Na Umbanda há também a imolação de animais, uma vez que para que se tenha terreiros se faz necessário possuir assentamentos, como os de exú e, desse modo, essas forças precisam ser alimentadas e necessitam desse Axé. Em casas de Umbanda em que o Pai ou Mãe de Santo não possui vínculos com o Candomblé, pode ser que exista algumas alterações no rito. Em alguns seguimentos em que as heranças africanas e indígenas sofreram apagamentos, essas cerimônias não ocorrem.

Desse modo, é de suma importância que se tenha em mente que ninguém das religiões de matriz africana pegará uma faca e matará qualquer ser vivo que estiver nas ruas e nem animais domésticos. Ademais, quem pratica as religiões tradicionais africanas não imola animais em série e de maneira violenta como muitos imaginam ou como ocorre nas mais diversas indústrias de carne.

Èsù, Exú, Pambu Nzila e Pomba-Gira

Exú é uma entidade como todas as outras, um ancestral que viveu em nosso mundo, o qual vale a pena ser lembrado e se manifesta com a finalidade de ajudar àqueles que vão buscar os seus conselhos. E, na verdade, trata-se do mais humano entre todos os trabalhadores que se manifestam na Umbanda, já que também há os indígenas, pretos-velhos, baianos, marinheiros, erês etc. Dessa maneira, é o mais irreverente, o mais amigo, o mais próximo do ser humano, o que possui sentimentos muito próximos aos das pessoas e o que mais se parece conosco. Todavia, ele tem um jeito de trabalhar específico e que se diferencia do Preto-Velho, por exemplo.

Desse modo, a entidade da Umbanda aproxima-se do entendimento que existe sobre o Orixá Èsù, que é irreverente, gosta de fazer brincadeiras, é traquino, dá gargalhadas, é o dono do comércio e dos caminhos, mas ao mesmo tempo é o primeiro de todos os Orixás, aquele que é responsável pela distribuição do Axé de Olodumare, que faz a ligação entre o *Orun* e o *Ayé*, o mensageiro e que dá movimento a tudo que existe no mundo e em nossas vidas. No entanto, é preciso ressaltar que exús são espíritos, enquanto os Orixás são forças da natureza e, logo, eles são diferentes, ainda que estes *eguns* tenham escolhido características presentes no Orixá para exercer seu trabalho. Logo, esses espíritos também podem ajudar com movimento, bons caminhos, comércio, prosperidade etc.

Nos Candomblés angolanos, cuja cultura vem da África Central, há os *Nkissis*, que também são forças da natureza como os Orixás, ainda que algumas diferenças possam ser notadas. Dentro dessa cultura também há um senhor dos caminhos chamado de *Pambu Nzila*, que se assemelha ao

Orixá *Èsù*.⁵ Conforme o tempo passou aqui no Brasil, essa expressão foi se transformando, como em bombogira e pomba-gira e foi associada a uma manifestação de uma entidade feminina que se assemelha a exú, mas que não é o *Nkissi Pambu Nzilla* que, na verdade, é uma força da natureza masculina. Neste caso, também são entidades que merecem ser respeitadas, pois vem em terra prestar auxílio àqueles que necessitam e trabalham no campo do movimento, da prosperidade e, principalmente, do desejo pela vida.

Sobre a relação das Pombas-Giras com o amor, muitos as colocam no assunto da sexualidade ou mesmo da prostituição, para associá-las de maneira preconceituosa com o que seria pecaminoso, ruim e deveria ser rejeitado. Elas têm sim uma maneira de ser e agir que é sensual, mas não é, de maneira nenhuma, vulgarizada, já que são entidades que atuam no auxílio de outros, como qualquer outro *egun* que vem em terra socorrer ou acolher a quem precisa. Aqueles que são criados fora das religiões de matriz africana acabam por ter uma visão equivocada quando tem contato com esse tipo de entidade, todavia é importante que um praticante das religiões de matriz africana conheça sobre seu culto para explicar às pessoas o que é e como trabalham esses espíritos ancestrais, que não se rendem às normas europeias de comportamento.

Para os Umbandistas, as entidades são seres cheios de sabedoria e de conhecimento e que se submetem a vir em terra dar ajuda e conselhos a quem precisa de acolhimento, se utilizando de corpos como os nossos que nem sempre tem bons pensamentos e boas ações. Assim, um exú ou uma pomba-gira podem ajudar na cura de uma doença ou na abertura de caminhos. Então, por que são entidades que são comparadas ao que é ruim? Elas têm conhecimentos tanto quanto um preto-velho ou um marinheiro; logo merecem o mesmo tipo de respeito que temos para o com as outras.

É fundamental, perceber que os Orixás ou *Nkissis*, assim como os Exús e Pombas-Giras não são seres que fazem o mal, que prejudicam outras pessoas ou que destroem a vida de alguém pelo prazer de ver um indivíduo ser prejudicado; ao contrário, são as pessoas que fazem e desejam o mal aos outros. As entidades, Orixás ou *Nkissis* se manifestam para abrir bons caminhos, dar equilíbrio, ajudar a ter amor-próprio e qualquer outra coisa que não seja prejudicial. Dessa maneira, é um equívoco entender que exú ou pomba-gira evoluem para Caboclo ou para qualquer outra entidade, já que eles são dotados de sabedoria e mobilizam forças que outras entidades não estão aptas a operar.

Sublinha-se também que esses seres em nada se assemelham ao Diabo presente na cosmologia cristã, uma vez que esse ser não existe nas religiões de matriz africana e seus praticantes também não sabem como oferecerá-lo. Desse modo, ele não se faz presente nos ritos candomblecistas e umbandistas. Associar a ritualística das religiões de matriz afro-indígenas brasileiras ao Demônio do cristianismo, algo ruim, é um ato racista e de desconheci-

5. Em um artigo que comenta sobre *Pambu Nzila*, Santana (2019) afirma que este *Nkissi* masculino também pode ser curandeiro e ajuda em questões de feitiçaria e amor. Assim como *Èsù*, ele carrega um afalo de madeira, búzio, faz a ligação entre o material e o espiritual, ao percorrer estes caminhos e é a primeira força da natureza a ser oferecida. *Va-Njila*, que seria a *Nkissi* da sensualidade, segundo Santana (2019), pode ser vista como o lado feminino de *Pambu Nzila*.

mento, uma vez que os Orixás, *Nkissis* ou entidades existem para auxiliar a ter felicidade e não para nos fazer pagar pecado, carma ou castigo, já que o objetivo da vida é a felicidade

Caboclos

O que é comumente chamado de caboclo são espíritos ancestrais de indígenas da região que hoje denominamos por Brasil e que são os donos da terra em que todo o brasileiro pisa. Na África da qual descende os ritos a que chamamos de Angola, em épocas mais antigas, os bantos tinham o costume de aprender a cultuar os ancestrais (também chamados de “donos da terra”) dos povos com os quais tinham contato ao entrar em terras estrangeiras. Quando esses indivíduos foram escravizados e forçados a virem ao Brasil, trouxeram consigo essa prática e rapidamente compreenderam que os donos desta terra e os ancestrais que aqui habitavam eram os indígenas. A partir desta compreensão dos bantos, os espíritos de pajés, caciques e pessoas importantes da comunidade dos originários foram incorporados ao culto ancestral africano. Uma vez que a Umbanda descende desses saberes, ela também traz diversos elementos dos desses povos, pois um também aprendeu culto do outro. Há diversos elementos indígenas na Umbanda que não só os espíritos ancestrais que se manifestam, como é o caso do fumo e do uso das folhas para rituais.

Assim, os indígenas não precisam de nenhum tipo de doutrinação kardecista, espiritualista ou de qualquer outra religião, pois eles não são menos evoluídos do que espíritos de brancos ou sabem menos do que aquilo que foi escrito por Allan Kardec. É fundamental tornar a reforçar que se trata de religiões diferentes com perspectivas litúrgicas e de cosmovisão, por vezes, divergentes, então não faz sentido unir uma à outra. Cada um tem que estar no seu campo de atuação e cada um deve respeitar ao outro, mas sem misturar, já que pode causar conflitos e problemas de formas de pensar – como, por exemplo, do caso da inexistência do carma na Umbanda. Os indígenas têm uma sabedoria ancestral, assim como os exús e preto-velhos e eles não precisam de um livro escrito no século XIX para conseguir atuar em prol de quem pede auxílio, já que fazem isso desde antes do nascimento de Kardec.

Algo interessante a se dizer sobre essas entidades e que também serve para outras as é a questão do nome que elas usam. Por exemplo, a Mãe Rosane D'Iansã trabalha com o Caboclo Pena Branca e o rapaz em um outro terreiro também. O que gera dúvidas, principalmente nos leigos, é a questão de pensar que se trataria do mesmo espírito que se manifesta em diferentes locais ao mesmo tempo.

Mas, na verdade, essa identificação refere-se a uma espécie de família ou falange em que há diversos indivíduos que se identificam como Pena Branca e que provavelmente atuam de maneira semelhante ainda que não seja exatamente igual, pois cada entidade, ainda que carregue o mesmo nome, possui algo de singular no seu modo de ser. Pode-se dizer que esses espíritos carregam mistérios parecidos.

Preconceito religioso

Na época da Ditadura Empresarial-Militar (1964-1985), mesmo nos anos 1980 quando dizem que havia mais abertura política, os policiais dirigiam Fuscas aos quais eram chamados de “baratinhas” pelos adeptos das religiões de matriz africana. Quando eles paravam nas portas dos terreiros, a violência era iminente e as crianças se escondiam dentro dos potes de *abô*⁶ para não sofrerem nenhum tipo de violência, inclusive a de serem presas. Nesse período, muitas lideranças de terreiro tinham a obrigação de comparecerem às delegacias para realizarem testes de sanidade mental na frente de um delegado de polícia, pois os adeptos de religiões de matriz africana eram tidos por loucos.

Ser uma religiosa de matriz africana em épocas de Ditadura Empresarial-Militar foi algo muito difícil. Havia muitas perseguições, diversas pessoas eram presas, tratadas de maneira desumana, sofriam violências de diversos tipos devido à intolerância religiosa, inclusive em relação a empregos. No meu caso específico,⁷ já sofri intolerância, mas não perdi posto de trabalho por conta da minha fé, que nunca a escondi, uma vez que sempre me assumi enquanto candomblecista ou umbandista. Também não fui presa ou sofri violências mais sérias, ainda que tenha visto muita repressão.

A religião de matriz africana é a mais perseguida aqui no Brasil justamente por ser uma religião de negras e negros. É importante ressaltar que Orixá é negro! Iemanjá não é branca, não sai do mar com cabelo liso e com vestido azul à semelhança de uma santa católica. Não há nada disso em Iemanjá. Ela é negra, assim como todos os Orixás! E como o Candomblé e a Umbanda vieram de homens e mulheres que foram escravizados pelos europeus, então são religiões perseguidas até hoje porque vivemos em uma sociedade que é racista.

Ainda hoje há diversas violências que se assemelham às que aconteciam na época da Ditadura Empresarial-Militar. As notícias de telejornais ainda mostram pessoas que invadem terreiros, quebram nossos assentamentos, colocam fogo em nossas casas, batem, espancam ou matam adeptos de religiões de matriz africana, como crianças que são atingidas por pedradas. Então a intolerância religiosa ainda permanece e a luta para dar fim nisso ainda continuará por muito tempo. É muito importante que as pessoas saibam que os religiosos de matriz africana querem respeito, pois nós merecemos, uma vez que nós não pedi-

6. *Abô* são banhos com ervas sacralizadas e usadas em rituais.

7. Ainda que a exigência acadêmica prime pelo uso de terceira pessoa para tornar o texto impessoal e para que este se construa a partir do debate, alguns trechos que abordam o preconceito religioso foram experiências de uma Mãe de Santo que viu tudo *in loco* e, por isso, houve a opção consciente pelo uso da primeira pessoa para estes casos.

mos nada demais a não ser cultivar os nossos Orixás e nossas entidades em paz.

As Águas de São Paulo

As Águas de São Paulo nasceram há, mais ou menos, dezessete anos como um movimento político idealizado pela Iyalorixá Edelzuita de Oxaguian e que foi mantido pelas comunidades tradicionais dos Povos de Matriz Africana do Estado de São Paulo. Com o tempo, essa luta se tornou lei Municipal na cidade de São Paulo, sob o número 14.619/07, Estadual em São Paulo, sob o número 1552/15 e Federal, sob o número 14519/23. O movimento tem como objetivo a promoção da cultura de paz para que os adeptos de religião de matriz africana possam praticar sua religião sem sofrer ataques e violências diversas e, ademais, preservar o “Dia das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé, Umbanda e seus segmentos”.

Todas as vezes em que há a manifestação de rua das Águas de São Paulo, os religiosos de matriz africana se reúnem no Vale do Anhangabaú para realizações culturais que envolvem elementos de matriz africana e, depois, vão à estátua da Mãe Preta, localizada no Largo Paissandú, no centro histórico de São Paulo, para que ela seja lavada e cultuada, uma vez que se trata de um dos poucos símbolos da ancestralidade africana presente na cidade de São Paulo.

O movimento é importantíssimo, pois todas as vezes que é preciso de atendimento de órgãos públicos passa-se por diversas dificuldades ou tratamentos inadequados, que envolvem violências. No passado, por volta da década de 1990 e em períodos anteriores, foi muito difícil para o povo de terreiro conseguir entrar em Câmaras Municipais, Assembleias Legislativas ou outras instâncias de poder, não porque era necessário poder para transformar pessoas em adeptos de religiões de matriz afro-indígena, mas porque era necessário criar dispositivos legais que combatessem o preconceito religioso ou os ataques às nossas Casas de Axé e culto.

Em contexto anterior ao primeiro governo de Luís Inácio Lula da Silva, eu fui paramentada à Câmara dos Vereadores, já que nunca tive vergonha de demonstrar a minha fé. Entrei no elevador e lá estavam três pessoas, duas delas se recusaram a subir junto de mim. Havia a prática de revistar praticantes de religião de matriz africana que estivessem vestidos com roupas tradicionais e adentravam os espaços de poder político existentes no Brasil, quando aqueles que estavam de terno e gravata passavam sem que alguém visse se estavam portando uma arma. Além disso, era comum para o Povo do Santo ser acompanhado por seguranças dentro desses locais e faziam questão de demonstrar que não éramos bem-vindos.

Após o primeiro governo Lula, foi possível entrar nos auditórios, nas plenárias, andar nos espaços de poder sem ser seguido por segurança, reservar salas para conversar com políticos, ou seja, os adeptos de religiões de matriz afro-indígena conseguiram adentrar estes ambientes sem passar pelo mesmo preconceito de outros tempos. Houve mais facilidade para o nosso trânsito. No período do governo de Jair Messias Bolsonaro, a entrada nesses ambientes não foi negada, mas foi amplamente dificultada pelo aumento da burocracia imposta por ele e, talvez, pelo medo de alguns deputados e vereadores em abrir espaços para religiosos de matriz afro-indígena quando houve crescimento da força da bancada evangélica. Por isso, a luta contra o preconceito religioso e o racismo irá perdurar algum tempo, pois ainda que Lula tenha vencido as eleições, o racismo perdura em nossa sociedade, mas não devemos deixar de lutar.

Considerações finais

Ao conversar e ouvir histórias como as de Mãe Rosane D'Iansã é possível perceber que o preconceito e o racismo invadem diversas esferas da vida, nas quais há aqueles que pensam que espíritos ancestrais devam ser “catequisados” por uma espécie de doutrina europeia como o kardecismo ou que práticas trazidas pelos africanos sejam vistas como primitivas e atrasadas. Ademais, é perceptível que em uma sociedade não só cristianizada, mas que vê a cultura europeia como algo mais valoroso, como a brasileira, ainda precisará de muita luta contra o preconceito religioso e o racismo para que os adeptos de religião de matriz afro-indígena possam cultuar seus Orixás em paz e que se tenha a possibilidade de pensar a partir de uma diversidade de epistemologias.

Referências

COSTA, Hulda Silva Cedro da. **Umbanda, uma religião sincrética e brasileira**. 177f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, 2013.

RUFINO, Luiz, SIMAS, Luiz Antônio Simas. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Morula, 2020.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SIMAS, Luiz Antonio. **Umbandas: uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2021.

Neste texto, Mãe Rosane D'Iansã nos conta um pouco de sua trajetória enquanto praticante de religião de matriz afro-indígena no Brasil. Além disso, esclarece pontos sobre Orixás, entidades, *Nkissis* e relata sobre as lutas que precisou travar contra o preconceito religioso, não apenas no país passou pela Ditadura Empresarial-Militar (1964-1985), mas em uma nação que viu Jair Messias Bolsonaro ganhar força política junto aos políticos da chamada bancada evangélica.

RESUMO

Umbanda, Candomblé, religiões de matriz afro-indígena, matriz africana.

PALAVRAS-CHAVE

In this text, Mãe Rosane D'Iansã talks about some aspects of your life as practitioner of afro-indigenous religion matrix in Brazil. Furthermore, she clarifies aspects about Orixás, spirits, *Nkissis* e tells about fights that she needs to employ against religious prejudice, not only in the country that went through the Businessmen-Military Dictatorship (1964-1985), but in a nation that have seen Jair Messias Bolsonaro gain political power along the politicians of evangelical bench.

ABSTRACT

Umbanda, Candomblé, Afro-Indigenous religion matrix, African religion matrix.

KEYWORDS

117

ROSANE PERES ALVES MAREGA

Diretora do Centro Cultural Mãe Iansã e
Caboclo Pena Branca, São Paulo-SP

RECEBIDO: 01.06.2023
ACEITO: 30.06.2023

RICARDO SINIGAGLIA ARRUDA

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1319-816X>
E-mail: ricardo.sinigaglia89@gmail.com